;

“SEMINÁRIOS SOBRE VISÕES”

“The Visions Seminars”

Carl Gustav Jung

PARTE VII

Seminários entre 17 de fevereiro e 9 de março de 1932

SPRING 1966

Espírito da Natureza e Espírito Cristão

Hoje iniciamos uma nova série de visões. No começo, ela se encontra de novo em uma catedral. A aurora boreal preparou o caminho para que o movimento dessa série começasse num contexto espiritual; uma aparição de cima, já que ela estava vindo de baixo, onde terminou a última série. Mas que espécie de espírito esperariam os senhores numa catedral?

Resposta: Um espírito cristão.

Dr. JUNG: Obviamente, e isto não combina com a aurora boreal, que é o espírito natural, uma espécie cósmica de espírito. Já encontramos este conflito entre o espírito cósmico da natureza e o espírito cristão. Lembram-se de um exemplo?

Resposta: PAN.

Dr. JUNG: Sim, o deus PAN é um espírito da natureza, um tipo de filosófico Deus da natureza. Originalmente ele era uma divindade campestre local... um Deus dos prados e das florestas... A palavra "pânico" vem de PAN. Ele andava por aí assobiando ou tocando sua seringe e assustando os pastores. O medo deles era como o medo da boiada quando "estoura". Ocasionalmente as manadas "estouram" sem razão aparente, como se o gado houvesse sido amedrontado por alguma coisa. Dentro da natureza a mesma coisa acontece conosco ocasionalmente; subitamente somos apanhados por um terror sem saber porque. Algumas vezes o lugar é particularmente solitário e sinistro,

outras vezes, não podemos explicar porque somos tomados por um medo animal. É o grande Deus PAN que causa terror, causa pânico. Mais tarde, através de uma transformação no significado do nome, esse “daimon” da natureza tornou-se um grande Deus filosófico. A palavra grega PÂS significa “tudo”, o todo, e PAN, o neutro, significa o universo; este sentido ficou ligado ao Deus – que se tornou o espírito universal da natureza.

Este espírito da natureza foi confrontado pelo espírito cristão. Os primeiros cristãos dos primeiros séculos repudiaram a adoração da natureza de qualquer espécie; a natureza não era para ser contemplada ou admirada. Mas as religiões antigas adoraram intensamente a natureza, em particular o mitraismo. Esta é a razão pela qual os “mithraeums” são sempre encontrados em lugares bonitos – perto de nascentes nas florestas ou em grutas e cavernas naturais.... Era uma bela forma de adoração e o mais tremendo inimigo do cristianismo; porque o espírito cristão tinha que combater a espontânea alegria que sentimos na natureza. Os cristãos diziam que esta era a tentação do demônio, que a beleza natural seduzia os homens para as belezas da carne e os deixavam obtusos em espírito.

É verdade que o contato com a natureza faz os homens mais ou menos inconscientes; assim, a esse respeito, a influência da natureza é hostil. Pessoas primitivas quando expostas a intensas influências naturais, simplesmente, tornam-se inconscientes. E isto ocorre ainda; as pessoas procuram as florestas e montanhas, hoje em dia, para tornar-se inconscientes; é um grande alívio identificar-se com a natureza depois das tensões da vida consciente nas

cidades. Mas isto pode ser exagerado e produzir um efeito negativo, pode deixar as pessoas demais primitivas.

Tenho visto muitos casos em que a influência da natureza teve que ser combatida, casos de pessoas que estavam sempre evitando certos assuntos e escapavam para a natureza, esquecendo-se completamente de si mesmas, usando a natureza como uma espécie de entorpecente. Assim, era no começo do cristianismo, na Idade Média, e muito mais tarde também. A natureza tinha que ser amaldiçoada como ímpia para que os homens percebessem o poder e a importância do espírito. Isto aconteceu porque o grande Deus PAN não estava realmente morto, o fascínio ainda existia.

Naturalmente, o espírito cristão não deve ser inteiramente rejeitado; quando um excesso de natureza inunda as pessoas, elas perdem aquilo que os cristãos ganharam ao repudiá-la. O espírito cristão é a tentativa ocidental – ainda muito modesta – de negar a carne; é um estágio no caminho que o Oriente sempre trilhou, em direção à negação da realidade. O argumento do início do cristianismo era que a carne definha como a grama, enquanto o espírito continua na eternidade. Este é o começo da idéia de que a realidade não é aquilo que parece ser, mas uma ilusão.

Nossa paciente sofre o mesmo conflito. Quando se confronta com uma manifestação natural do espírito, há sempre o perigo de que caia debaixo da influência de PAN e entre numa condição inconsciente. Este terror pânico da natureza, podem ver, não vem da própria natureza, mas da natureza do homem; é o medo de ser dominada pelo inconsciente, o terror de enlouquecer

na solidão. Sua visão da aurora boreal era uma manifestação do espírito da natureza, e se agora ela puder evitar o que poderia ser chamado o aspecto estético daquele fenômeno, se puder olhá-lo e entendê-lo sem perder-se a si mesma nele, então ela estará mantendo uma atitude espiritual em relação a ele. Mas, se a qualidade estética da visão a domina, isto significará que ela perdeu a consciência e merece cair num pânico; então, ela necessita ser cristã.

Isto explica porque a aurora boreal imediatamente constela o espírito cristão; uma catedral significa refúgio; lá ela encontra proteção contra os demônios da natureza. Porque na igreja não se permite nada que seja natural; os animais são proibidos de entrar nela. Tudo que é usado no ritual tem que ser desnaturalizado. A água usada na pia batismal, a cera das velas e mesmo o incenso têm que ser purificados, desnaturalizados antes de serem usados. Esta desnaturalização das coisas parece ser estranha, mas a natureza humana necessita-a para chegar a um ponto de vista espiritual. Quando alguém já está desnaturalizado, entretanto, já não é necessário continuar com isto; então o problema torna-se semelhante àquele de ensinar um cavalo a viver sem aveia; quando se consegue ele morre.

Então, a volta à natureza torna-se um problema. Não deveria ser uma regressão; não se deveria afundar abaixo do conseguimento cristão, do encarar a carne como ilusória; antes se deveria conservar a visão cristã e usando-a como salvaguarda, voltar à natureza. De outro modo, se cairia no demonismo dos tempos primitivos e todo o desenvolvimento subseqüente se reduziria a nada. Este tem sido o perigo para esta mulher, e por isso ela volta ao problema da espiritualidade cristã sempre que toca o espírito natural. Mas agora há uma

diferença: ela chegou a uma manifestação do espírito natural que está além da desnaturalização do cristianismo, assim se ela volta agora ao cristianismo, será uma regressão. E tal regressão, podem estar certos, terá que ser trabalhada de novo; terá que ser transformada em uma nova tentativa de aproximar-se do espírito da natureza de um modo consciente.

Do Meu Ventre Faço Nascer o Sofrimento

A visão seguinte conta uma estória muito coerente, por isso apresento-a toda de uma vez:

- *Visão*: Eu estava numa catedral. Vi um Cristo escuro sobre o crucifixo e ao pé do crucifixo a Mãe de Cristo, chorando. Eu disse a ela: "Porque choras, ó Mater Dolorosa?" Ela respondeu: "Antes disso ele estava comigo. Agora ele está lá em cima, sobre a cruz. Algo se partiu entre nós." Então, tomei-a pela mão e levei-a dali, dizendo: "Mulher, porque temes ficar só?" Pusemo-nos juntas lá, olhando o Cristo agonizante que voltou seu rosto para nós e nos fitou. Então falou, dizendo: "Ó vós ambas que me criastes, olhai-me agora. Vós me haveis criado só para que fosse crucificado?" Eu respondi a Cristo: "Sim, do meu ventre faço nascer o sofrimento. Eu te criarei de novo do meu corpo e outra vez serás crucificado.". Ao ouvir estas palavras, os olhos de Cristo se fecharam. Ele voltou sua cabeça para o outro lado. Então a mãe de Cristo lamentou em voz alta: "Tu não deves dizer tais palavras." Ela chamou uma enorme multidão que se aproximou, ameaçando-me. Cobri meu

> rosto com um véu e aí da igreja. A multidão irada clamava: “Tu disseste palavras que ninguém deve dizer.” Eu continuei meu caminho através das ruas tortuosas da cidade e por fim cheguei às margens de um rio. Aqui me ajoelhei e erguendo meu véu banhei meu rosto na água. Um cisne veio até mim e numa cesta vi um bebê recém-nascido.

Esta visão contém a reconstrução do seu contato com o espírito da natureza. Nela a regressão é transformada em progresso. Ela está obviamente, identificada, ou em paralelo com a mãe de Cristo, como se pode ver pelas palavras: “Pusemo-nos lá, olhando o Cristo agonizante.” Depois ela fala com Cristo como se fosse a mãe e ele diz:” ... vós ambas mulheres que me criastes.” Só Maria o criou, mas é como se a paciente fosse uma segunda Maria, como se ela tivesse sido assimilada à história, e ela lhe responde: “Sim, do meu ventre faço nascer o sofrimento, eu te criarei de novo...” Compreendem isso?

Resposta: Seu conflito constela-se entre o espírito e a natureza, porque Maria é natureza e ela se queixa do início que alguma coisa colocou-se entre ela e Cristo. E também, o Cristo não é preto?

Dr. JUNG: Ela não disse preto, mas escuro. O Cristo escuro significa obscuro, baço, referindo-se talvez à antiguidade da madeira eu penso que aqui é melhor encarar Maria antes no seu significado cristão medieval do que idêntica com a terra. Como vêem, Maria não concorda com a paciente. Ela diz: “Não devias pronunciar tais palavras.” Ela chama a multidão ameaçadora e desaprova a

paciente, não quer ser identificada com ela. Ela não quer saber que trouxe Cristo ao mundo só para ser crucificado. Ela o criou supondo que fosse para uma vida feliz e exitosa, não para uma morte cruel... Em contraste com Maria, a paciente diz que o criou para o sofrimento e que se ela o fizesse uma segunda vez, seria de novo para a crucifixão.

Ela parece ser perfeitamente consciente... muito mais consciente do que Maria... e quase impiedosa, muito sem sentimento. Agora, como interpretariam isso? O que dizer do modo pelo qual ela toma o lugar de Maria, como se ela estivesse para criar um Cristo, como se ela própria fosse Maria? ... Na igreja Católica seria extremamente blasfemo se alguém se identificasse com Maria.

Sugestão: Não se trata da idéia coletiva sobre mães de que elas devem sofrer?

Dr. JUNG: Que as crianças são sempre filhos da dor, certamente é verdade, é o eterno destino. O sofrimento do mundo continua através do fato de que mães têm filhos; cada mulher que tem um filho está continuando o sofrimento do mundo. É um ponto de vista muito consciente, muito maduro, dizer: Estou criando esta criança para o sofrimento do mundo...

Comentário: Parece como se ela tivesse assimilado o ponto de vista cristão ou medieval sobre Maria, como se ela tivesse Maria dentro dela.

Dr. JUNG: Sim, percebemos progresso aqui. Ela obviamente atingiu uma certa consciência, já que é capaz de dizer: Não há nada particularmente divino

em Maria, nós todas somos como Maria, dando à luz filhos que irão sofrer, até é nosso propósito fazer assim. É melhor supor que se procriará sofrimento do que a eterna mentira de que todos serão felizes. Uma consciência madura não pode assumir tal insensatez. Assim, aqui ela toma a iniciativa, ela fala com Cristo como se ele fosse seu filho e, colocando-se no lugar de Maria, ela praticamente se coloca no lugar de Cristo. Cristo é o símbolo do homem que carrega a cruz, que vai para a morte com uma consciência deliberada, uma clara visão consciente de que as coisas têm que ser como são, e que temos que aceitar o nosso sofrimento individual. E quando ela diz que o está fazendo nascer uma segunda vez, isto significa que ela está fazendo assim com a mesma finalidade; ela está, então, fazendo o que Cristo fez, quando deliberadamente caminhou para sua morte cruel.

O que está descrito aqui é realmente a assimilação da psicologia cristã medieval. Isto é, o homem medieval – que hoje ainda vive em grande número – considerava Cristo o redentor, e pensava na vida de Cristo como um mistério divino. Mas o homem moderno vê que ela de forma alguma é única, que ela é a vida humana comum – a vida de uma pessoa que deliberada e conscientemente aceita seu próprio destino, aceita o que ela é. Todo homem que aceita seu feitio individual e sua condição individual do mesmo modo como Cristo o fez, seria irmão de Cristo, seria um Cristo ele mesmo. Provavelmente ele não seria crucificado. Ele poderia ser enforcado, ser morto por um tiro, ou morrer de uma doença comum ou algum outro tipo de sofrimento... Mas ele chegaria ao seu fim asseverando que uma vida como a dele tinha que ser. E quando ele aceita a si mesmo desta forma, como Cristo aceitou sua vida, ele desempenha a condição da vida humana. Depois disto o Cristo (externo) já não é mais necessário para ele. Cristo veio ao mundo para

cumprir a vontade do Pai; e na medida em que fez isso, ele é o filho do Pai, ele é a manifestação visível de Deus, e como tal ele morre. Por isso, aquela alusão no Novo Testamento “Vós sois deuses.” (João 10:34).

Vejam, Cristo fez tentativas desesperadas para ensinar seus discípulos que eles não deviam imitá-lo, que eles deviam viver suas próprias vidas, que só então eles seriam como ele. Mas eles não entenderam: eles o tomaram como Deus, e sua vida como um mistério divino, o qual eles deixavam para ele muito alegremente; eles preferiam esconder-se atrás dele, organizar uma igreja onde tais eventos, como Cristo, nunca aconteceram. Ninguém tentou viver sua própria vida, como Cristo viveu a sua...

Agora, nesta passagem, torna-se evidente que nossa paciente intuitivamente atingiu tal maturidade de caráter que pode colocar-se junto da mãe de Deus e tomar a situação nas suas próprias mãos; ela está suficientemente disposta e consciente para aceitar os fatos da vida, isto é, que a mulher que tem filhos decidiu-se a continuar a ilusão e o sofrimento do mundo. E com essa compreensão ela pode sair da igreja...

Agora temos outra vez o símbolo do véu. Lembram-se que ele apareceu numa das visões anteriores... Lá o véu cobria a parte posterior de sua cabeça e destinava-se a cobrir o seu inconsciente. Aqui ela oculta seu rosto, o que indica que, como um proeminente indivíduo social, ela tem necessidade de ocultar-se; usar o véu agora tem a ver com a sua renúncia do seu respeitável papel. Assim, ela sai da igreja e se vê frente à multidão hostil. Naturalmente, todo aquele que é suficientemente corajoso para viver sua própria vida de um

modo individual encontra-se na mesma situação avessa como outras pessoas semelhantes a Cristo, todos os mártires e santos que foram torturados e mortos porque estavam em desacordo com o seu meio coletivo.

Em seguida ela chega a um rio, que é natureza, e ajoelha-se junto dele porque ele agora é um objeto de adoração para ela. Ela está suficientemente consciente, já sofreu o suficiente, para agüentar a influência da natureza, para ser capaz de, conscientemente, adorar a natureza. Eu não pretendo com isso transmitir a impressão de que a paciente atingiu realmente essa tal maturidade; isto é meramente uma antecipação intuitiva.

Então o cisne aproxima-se dela. O que é o cisne?...

Sugestão: Não é um símbolo de Afrodite?

Dr. JUNG: Nós temos a história escandalosa de Leda, e... o cisne está um pouquinho ligado com isto... O cisne é uma espécie diferente de espírito, ele raramente voa, mas prefere viver entre a água e o ar. Assim, é o símbolo dos dois elementos, alguma coisa entre a água, o inconsciente, e o ar ou a luz da consciência; ele é mais ctônico do que o pombo. Então, numa cesta, que aparentemente foi trazida pelo cisne, ela viu um bebê recém-nascido. O que é isto?

Resposta: Um novo nascimento.

Dr. JUNG: Sim, uma nova tentativa, como se ela fosse um bebê recém-nascido. É como Cristo, sendo de novo erguido, nascido mais uma vez, quando a voz disse: “Tu és meu Filho; neste dia eu te gerei.” (Hebreus 1:5).

Comentário: O fato de que o cisne traz a criança não é um paralelo com o Espírito Santo como um pombo?

Dr. JUNG: Sim, na arte medieval o Espírito Santo é muitas vezes representado como um pombo trazendo o Cristo infante...

Agora espero que a idéia principal desta visão esteja clara porque é de fundamental importância. Realmente é a continuação lógica da idéia protestante. Como sabem, a Igreja Protestante, como uma instituição de intercessão entre o homem e Deus, lenta mas muito decididamente vem se esfacelando. Ela já está dividida em mais de quatrocentas denominações, e finalmente cada um será sua própria igreja... Cristo estava sozinho com a divindade e todo aquele que vive sua vida como Cristo está só com seu Deus, ele é sua própria igreja.

Pergunta: O que significa o rio na visão?

Dr. JUNG: Um rio sempre significa vida natural, as águas da vida, e atravessar a correnteza da vida é um motivo muito importante. Em sonhos de pessoas modernas muitas vezes se encontra o mesmo motivo expressado em outros símbolos; um fio de alta tensão, por exemplo, em vez da corrente de água...

Pergunta: Se uma pessoa assimilou esta corrente de força natural até um certo ponto – suficiente para alcançar outro estágio de desenvolvimento consciente – o Senhor diria que ela, então é uma com Deus?

Dr. JUNG: Não, sozinha com Deus.

Pergunta: Mas isto não significa, na realidade, que a pessoa simplesmente atingiu uma outra camada, ou nível, cercado completamente por uma outra corrente da qual ela tem que se desidentificar? Ela não é ainda parte de uma vasta camada de não-entendimento?

Dr. JUNG: Naturalmente. Sempre temos que ser, de outro modo seríamos o Deus mesmo. A questão é que temos que assimilar a nós mesmos e não projetar metade de nós mesmos em outras pessoas ou instituições. Certamente, estamos longe de sermos perfeitos, ou perfeitamente conscientes. E tornando-nos integrados podemos ser tão inconscientes quanto antes, só que não nos projetaremos mais; essa é a diferença. Nunca deveríamos pensar do homem como capaz de atingir a perfeição, ele apenas pode almejar inteireza. E inteireza seria uma condição necessária e indispensável, se em geral se levantasse a questão da perfeição. Porque como é possível tornar perfeita uma coisa que é incompleta? Primeiro temos que torná-la completa, então vemos o que ela é... então a polimos, se nos sobrou tempo e fôlego... Agora continuaremos.

O Vulcão e o Oásis

- *Visão*: Eu estava na beira de um vulcão. Olhei dentro da cratera e vi um mar de fogo fervente. Corpos mortos eram erguidos e caiam para trás outra vez. Uma grande cruz de fumaça com o símbolo egípcio da vida acima dela ergueu-se, subiu para o ar e desfez-se.

Agora que o bebê foi trazido a ela na correnteza da vida pelo cisne (simbolizando o Espírito Santo numa forma natural)... esperaríamos encontrá-la numa condição redimida. Em vez disso, ela está à beira de um vulcão prestes a entrar em erupção. Obviamente, é um lugar dos mais perigosos, e este é um momento bastante crítico. Mas a rápida enantiodromia que ocorre aqui expressa uma profunda verdade... Como vimos, ela se retirou do seu mundo coletivo e lá deixou um vácuo. Agora o espaço vazio está sugando tudo para dentro. É uma catástrofe semelhante a uma explosão...

Esta verdade tem sido reconhecida em muitos lugares sob diferentes formas. (Há um mito hindu sobre tesouros obtidos do mar). Entre estas está MÂNI, que significa a jóia em sânscrito. MÂNI é o título de BUDA no budismo MHAYANA, e a famosa oração tibetana ÔM MÂNI PADME HÛM significa Ó Jóia no Lótus... Agora, quando a jóia e os outros tesouros são trazidos à superfície do mito, poder-se-ia supor que tudo estaria certo, mas um veneno destrutivo emerge do mar e ameaça destruir o mundo. Este é um exemplo desta rápida enantiodromia... De modo semelhante depois do nascimento de Apolo, o terrível dragão PYTHON tentou tragá-lo. E Cristo, logo depois de nascer, por pouco escapou de ser morto no assassinato em massa dos infantes

meninos por Herodes. E quando, nas Revelações, a mulher dá à luz um menino para governar todas as nações, há um dragão esperando para devorá-lo... Assim, depois do renascimento vem o vácuo, o vazio, desapontamento, destruição, e a questão é: como lidar com isto. Este é o conteúdo desta visão. Corpos mortos foram erguidos e de novo caíram para trás; isto é destruição, pessoas foram mortas.

E então uma cruz aparece na fumaça sobre a cratera. A cruz cristã significa sacrifício, mas esta é a crux ansata, a cruz com a alça na parte superior, o símbolo egípcio da vida. Este sinal indica que a cratera não é apenas destrutiva; a crux ansata, também chamada ankh, sempre denota vida, ou dada pelos Deuses aos Faraós ou pelos Faraós aos Deuses; há representações de ambos... A fumaça de um vulcão realmente cria uma tal figura; quando há bom tempo o ar quente sobe e esfria-se, expandindo-se numa espécie de forma de cogumelo; se a forma então é um pouco mais abstrata, torna-se a crux ansata.

Assim, a cratera aqui é a cratera da vida. O sinal mostra que ela não significa extinção. Esta cratera é como uma pia batismal; é como uma cratera no antigo sentido místico da palavra, isto é, uma vasilha em que diferentes constituintes são misturados para criar um novo ser... Seu sentido positivo é a vasilha de amálgama...

- *Visão* (cont.): O fogo na cratera extinguiu-se e em vez de fogo eu vi um lindo oásis verde.

Subitamente ocorreu uma completa transformação, outra enantiodromia. O vulcão destrutivo transforma-se numa bela porção de terra fértil, o verdadeiro símbolo da vida. Mas o que aconteceu para esta mudança? Tudo que vimos foi uma cruz de fumaça; mas deve haver uma chave para desvendar esta misteriosa transformação.

Resposta: Ela não se identificou com a situação, e isto a manteve acima dela.

Dr. JUNG: De outra forma o que poderia ter ocorrido?

Resposta: Ela teria voltado ao inconsciente. Ela teria sido destruída.

Dr. JUNG: Mas como teria sido destruída? De que forma específica?

Resposta: Eça teria enlouquecido, eu penso. Geralmente, quando uma coisa desaparece em chamas, é um símbolo de insanidade.

Dr. JUNG: Uma psicose pode muito bem ser descrita dessa forma. Num caso de demência precoce a primeira eclosão da doença está muitas vezes ligada a visões cósmicas de terremotos e outras coisas que correspondem aos fenômenos observáveis numa cratera. O paciente pode cair numa tremenda agitação emocional; as chamas da paixão em explosão são como forças vulcânicas, como uma lava de fogo fervente, caótica, jorrando das entranhas da terra. Em termos psicológicos elas seriam a insanidade, uma eclosão de loucura...

A feição esperançosa aqui é que a nossa paciente não se identificou com a cratera ela mesma não é a cratera nem a cratera está dentro dela; ela está colocada fora, na beira, e olha para ela. Este destacamento é um sinal de maturidade nela... Se olharmos para a destruição sem permitir que as nossas emoções participem nela, de uma forma destacada, podemos ver que isto tem um lado positivo, que alguma coisa nova pode advir dela. Por esta razão a cena muda subitamente e torna-se um belo oásis verde.

- *Visão* (cont.) Desci para dentro da cratera e caminhei por uma grama verdejante. Vi uma mulher tirando água do poço. Ela usava na cabeça a jóia de Cibele. Olhou-me e disse: "Tu és uma estranha aqui". Eu respondi: "Sim, queres me orientar?" Ela perguntou: "Terás força para descer bem até o fundo deste poço do qual eu tirava água?" Vi então que havia degraus que conduziam para dentro do poço e comecei a descer, cada vez mais para baixo. Por fim cheguei ao fundo.

O funil da cratera, de onde fogo e fumaça e lava saem, é agora a escavação de um poço dentro do qual ela pode descer, um lugar de onde se pode tirar água. E a mulher que ela encontra lá usa a jóia de Cibele – como sabem Cibele era uma Deusa da Ásia Menor, outra forma de Astarte ou Ishtar, a Deusa do Amor. E o que é esta jóia?

Resposta: A jóia que estava no gelo, uma jóia vermelha.

Dr. Jung: Sim, e aquela era um coração, assim aqui, presumivelmente, é a mesma coisa, porque o coração é o símbolo do amor, e esta é a jóia de Cibele, a Deusa do Amor. E a mulher?... Temos que supor, já que ela está usando a jóia, que ela é, ou a própria Ciblel ou uma suma-sacerdotisa de Cibele; também ela tem que viver ali por magia – nenhuma pessoa comum poderia viver num lugar como aquele, que às vezes era um vulcão.

Podemos encontrar uma analogi8a para este simbolismo em "Ela" ("She") de H. RIDER HAGGARD. "Ela", que era a filha de um sacerdote de ISIS, desceu como uma suma-sacerdotisa a cratera da vida. Lá ela conseguiu encontrar uma imortalidade relativa permitindo que o pilar (de fogo) da vida passasse através de seu corpo...

O fato de que ankh, o sinal egípcio da vida, aparece aqui, sugere que a paciente lembrava-se inconscientemente do simbolismo em "Ela"; mas não é uma influência direta e inconsciente, está oculta no significado. Esta analogia indica que a descida para dentro do vulcão não é apenas um mistério de renascimento psicológico, mas alguma coisa mais, porque relativa imortalidade significa divindade. Podem lembrar-se que "Ela" muitas vezes aparece como uma pessoa divina, a despeito de muitos traços mortais de caráter. Deste modo RIDER HAGGARD imaginava algo como uma Deusa grega...

As divindades gregas poderiam ser explicadas de ambos os aspectos: elas eram peculiarmente divinas e ao mesmo tempo peculiarmente humanas. Tal concepção parece um tanto estranha para nós, mas não era de forma alguma

estranha para a antiguidade; há mesmo uma sugestão dela na idéia de Cristo. Ele foi, de certo modo, um ser humano comum; ele poderia ter tido todas as imperfeições de um ser humano, e provavelmente as teve, mas de outro lado ele era um Deus...

Agora nesta visão nos encontramos a mesma curiosa mentalidade. A mulher que nossa paciente encontra é uma Deusa, ou figura como “Ela”. Isto se deve ao fato, como eu já disse antes, de que todas essas visões decorrem numa atmosfera antiga, a atmosfera da qual emergiu o cristianismo; assim, elas de um lado são cristãs, por outro, pagãs. É como se uma camada da mentalidade antiga, datando de cerca de 100 a.C. até 100 d.C. estivesse sendo de novo trazida à superfície; encontramos muitos modos de pensar ou concepções das coisas tipicamente antigas...

O fato de que essa mulher no fundo da cratera é uma Deusa ou, em todo caso, uma pessoa de competência e autoridade, prova-o a atitude da paciente. Ela pede à mulher que a oriente, mostrando que imediatamente reconheceu sua superioridade, e a mulher responde questionando se ela terá força para descer ao mais fundo do poço.

Envolvida por uma serpente

Assim agora a paciente descerá de novo ao inconsciente, mas a uma profundidade ainda maior. Por fim, ela atinge o fundo.

- *Visão*: (cont.) Lá, sobre o chão, eu vi um homem e uma mulher deitados como se estivessem no útero e em volta deles estava enrolada uma serpente.

Eu lhes mostrarei o desenho que ela fez disto:

(FIGURA DA PÁG. 136: UM CASAL SENTADO DENTRO DE UM ÚTERO ENVOLVIDO POR UMA SERPENTE)

Observem a posição embriônica dos corpos. Quem são eles? O que pensam desta estranha descoberta no fundo do poço?

Resposta: É um renascimento, mais completo. Até agora, ou um menino ou uma menina renascia, mas aqui é o homem total.

Sugestão: eles poderiam ser SHIVA e SHAKTI. E esta poderia ser a serpente KUNDALINI antes de elevar-se.

Dr.Jung: Sim, então aquele canal ou escavação que ela desceu seria SHUSHUNNA, o canal através do qual KUNDALINI se eleva. Aqui temos um fato muito notável: que ela está descendo. Aqui se vê a tremenda diferença entre a Índia e o Ocidente... Ela já está em cima, e o que ela tem que assentar está embaixo, ela tem que descer de lá de cima... Assim, podem ver o grande erro que as pessoas fazem quando imitam as práticas da Yoga oriental, porque elas servem uma necessidade que não é a nossa; é o maior erro para nós subir

mais e mais alto. O que deveríamos fazer seria estabelecer a conexão entre em cima e embaixo. Mas nós nos lançamos avidamente à prática da Yoga que, naturalmente, não funciona... porque a nossa necessidade é justamente o contrário.... Eu nunca vi um caso (de prática de Yoga) que não fosse aplicada com o propósito errado de chegar ainda mias para cima – de adquirir mais poder ou mais controle, ou sobre o próprio corpo, ou sobre outras pessoas ou sobre o mundo...

No sistema Kundalini o Deus é representado como o linga (representação dos órgãos genitais masculinos, relacionada a Shiva) fertilizante, envolvido por Shakti na forma da serpente Kundalini. Mas aqui temos simplesmente um homem e uma mulher envolvidos por uma serpente e não temos certeza se são Shiva e Shakti. Vejamos como funciona a serpente. Ela diz:

- *Visão*: quando eu apareci a serpente veio até mim e disse: "Também ao redor de ti eu me enrolarei". Eu disse: "Mas eu estou só". Então a serpente envolveu meu corpo e colocou sua cabeça junto ao meu rosto. Eu vi que ela tinha uma coroa sobre a cabeça e anéis de ouro em volta do seu corpo. Eu olhei nos olhos da serpente e colocando os braços em redor dela, disse: "Serpente, tu és bela para mim." Então ela dissolveu-se e eu subi de novo.

Isto mostra que o elemento ativo lá embaixo é a serpente; o homem e a mulher absolutamente não funcionam, eles estão apenas adormecidos. É evidente que a serpente é divina pelos anéis de ouro e pela coroa. Tais decorações enfatizam um símbolo, assim esta deve ser uma serpente muito incomum. Ela

é a divindade aqui, e o homem e a mulher não têm esta qualidade. Se nós estivéssemos na Índia, eles seriam Shiva e Shakti, mas já que se trata uma mente ocidental, eles não são. Aqui a ênfase está na serpente que faz com ela exatamente o mesmo que o casal. Qual é o sentido disso?

Resposta: Eles não são apenas um exemplo?

Dr. Jung: A paciente diz: "Mas eu estou só", como se a serpente então fosse responder: "Oh, bem, neste caso eu não me enrolarei ao redor de ti, porque faço isso apenas com casais..." Mas vejam bem, a serpente enrola-se ao redor dela como se ela fosse um casal.

Pergunta: Ela está se enrolando ao redor das partes masculina e feminina dela? Há sempre essas duas partes para começar e elas estão ainda dentro dela.

Dr. Jung: Podemos super que aquele par estava lá desde o começo dos tempos, um tipo de símbolo eterno daquilo que a serpente, enrolando-se em redor de uma imagem de masculino e feminino, realmente significa. Como tal seria uma sugestão de que a inteireza vem da compreensão pelo enrolar da serpente, de que masculino e feminino estão unidos formando Um, por aquele abraço. Isto é nada mais que óbvio, simbolicamente.

Como vêem, a função essencial da cratera, sua qualidade mágica de doar vida, está expressa na serpente que jaz no fundo dela: quem quer que seja envolvido pela serpente é tornado inteiro, masculino e feminino juntam-se lá. Alguma coisa semelhante está indicada em "Ela", quando AYESHA tenta fazer LEO

entrar com ela no pilar de fogo... Também podemos nos lembrar do rito nos mistérios eleusianos, onde o iniciado tinha que beijar uma serpente; isto significava uma espécie de união. E havia outro rito representando união ao qual uma serpente dourada era introduzida pela gola e descia sob as vestimentas do iniciado, sendo retirada por baixo; isto simbolizava uma completa penetração pela serpente divina. Supunha-se que o iniciado fora então criado ou gerado como um homem duas-vezes-nascido e obtinha a imortalidade...

Assim, essa cerimônia no fundo do poço é a união do divino princípio, representado pela serpente, com a paciente... Por um momento ela está na posse de Deus...

Confiando na Serpente

A cerimônia a está fazendo inteira... mas ela mesma não está fazendo nada. Usualmente ela é bem ativa, mas aqui ela está passiva e a serpente é ativa.

Sugestão: Isto não tem a ver com a aceitação do princípio divino? A parte adormecida no útero poderia ser conectada com fé no princípio divino. É possível conectarmos a serpente com o rio da vida?

Dr. Jung: O Senhor está no caminho certo. O ponto particular desse simbolismo é a atitude passiva dela; ela é equivalente àquele casal,

adormecido como se estivesse no útero, indicando que ela se rende inteiramente ao meio estranho lá de baixo. E quando ela está absolutamente inativa, o inconsciente assume a atividade – atuando por ela ou sobre ela – e isto é visto pelo enrolar da serpente em volta dela. Ela aqui submete-se quietamente ao efeito do inconsciente. Não se esqueçam que esta série de visões começou com o perigo de psicose: o vulcão, e agora ela está se entregando completamente às atividades do vulcão. Isto está enfatizado pelo seu gesto de colocar os braços em volta da serpente e dizer: "Tu és bela para mim" – não horrenda ou terrífica, mas bela.

Sua aceitação da serpente indica que ela está fazendo amizade com o elemento que antes ameaçava destruí-la completamente. Quando ela consegue isto, experimentará um efeito muito peculiar. Por isso mencionei o paralelo com os mistérios eulesianos, onde o iniciado tinha que beijar a serpente, o que era asqueroso e terrificante. Isto era feito porque significada união com a serpente o que por sua vez significava a entrada de Deus. Deus entrava no corpo do iniciado que então era chamado entheus, significando *Deus dentro*. Um dos títulos de DIONISO era ENKOLPIOS, que significa "na vagina". DIONISO entra nos iniciados como se ele fosse o falo e cada iniciado uma vagina. Ele está, então, contido nos iniciados, seus seguidores, e como tal é chamado ENKOLPIOS.

Desta seqüência podemos ver que a loucura que ameaçava nossa paciente era na realidade um pânico pela proximidade imediata de Deus... Se alguém se identifica com tal emoção simplesmente explode em pedaços e a conexão com Deus não se acaba. Mas se podemos nos destacar deste pânico, se podemos

suporta-lo, podemos penetrar nele, e então Deus entra no iniciado. Por isso a paciente é vista aqui numa atitude passiva, entregando-se completamente e aceitando a atividade do inconsciente, que se enrola nela como uma serpente. Isto, em si mesmo, é um momento terrível: nada poderia ser mais terrível do que ser atacado por uma sucuri – pode-se morrer de medo. E sem erguer um dedo, ela tem que agüentar aquele momento supremo, quando o próprio medo, a serpente, enrola-se em volta dela. Agora, se ela é capaz de fazer isso, ela será capar de suportar o medo, e com isso obter muitas vantagens. Porque é um momento supremo quando alguém pode suportar a investida de um tal pânico, e este é o modo como ela poderia ultrapassar o perigo que a ameaçava no começo. Está claro?

Vejam: se ela fosse capaz de realizar esta visão, ela adquiriria uma espécie de proteção: qualquer outro poderia se perturbar, mas seria como se a serpente estivesse enrolada em redor dela e ela nunca mais se perturbaria profundamente. As coisas poderiam ainda atingi-la, mas ela estaria numa profundidade mais profunda do que a mais profunda emoção.

- *Visão* (cont.) Eu subi do poço. O céu ficou escuro, com nuvens pesadas. Esqueletos a cavalo passaram galopando. (Outra vez uma espécie de visão louca sugerindo pânico). As nuvens transformaram-se em fumaça e correntes de água fervendo começaram a fluir atrás de mim. Eu sabia que a erupção começara de novo. Tentei escapar da cratera, mas não encontrava caminho para a margem. Então gritei que estava perdida e que seria queimada viva. A lua crescente desceu até mim. Agarrei-a com

> minhas mãos e ela me ergueu. Desci pela encosta do vulcão e cheguei a uma aldeia no vale. Eu disse às pessoas: "Como chamais a montanha?" Eles responderam: "A Grande Mãe". Eu disse: "Mas a vossa Grande Mãe é uma destruidora". Eles responderam: "Ela apenas fumega". Eu disse: "Vêde, minhas roupas estão chamuscadas e rasgadas pelo fogo". Eles responderam: "Mas tu foste perto demais. Nós só olhamos nossa Grande Mãe aqui de baixo, do nosso vale".

Aqui temos uma interpretação do vulcão. Ele é chamado a Grande Mãe, e se não se chega perto demais, não se é queimado pelo fogo. Nossa paciente chegou perto demais... Mas podem ver que ela ganhou pela sua experiência com a serpente: ela está agora, aparentemente, em muitos bons termos com a lua, então esta a ajuda a sair da situação embaraçosa de estar no fundo de um vulcão ativo. Mas onde ela conseguiu uma conexão com a lua crescente?

Resposta: com a Deusa no poço.

Dr. Jung: Sim, Cibele é a lua, e o crescente é seu emblema...Que a própria Lua devesse descer e tirar nossa paciente do perigo é um simbolismo bem fantástico, mas psicologicamente significa que a sua completa rendição aos poderes inconscientes os tornou seus amigos: agora o inconsciente funciona de modo proveitoso e produz um milagre em seu favor. A mente ocidental nunca aceita a possibilidade de que o inconsciente possa ser outra coisa além de um terrível estorvo, que ele possa fazer outra coisa além de causar neuroses do estômago ou do coração, ou trazer sonhos ruins; ela nunca supõe que o

inconsciente possa ter uma conduta inteligente... No entanto, é realmente uma verdade que se alguém melhora seu relacionamento com o inconsciente, ele se mostra como um poder auxiliar; passa a ter uma atividade própria dele, fornece sonhos que ajudam, e de vez em quando produz realmente pequenos milagres.

As pessoas normais

Agora, quem são as pessoas que vivem na vila ao pé da montanha?

Resposta: Aqueles que reprimem suas emoções.

Dr. Jung: Eu não acho que eles reprimem suas emoções, especialmente. Eles são pessoas muito confiantes que nunca chegam muito perto do fogo, apenas pessoas comuns para quem o mundo nada significa em particular. Para eles aquela montanha é inteiramente inofensiva, ela é chamada a Grande Mãe só por causa da sua forma um tanto massuda; e a atividade vulcânica não tem a menor importância. É a velha avozinha fumando seu cachimbo. Naturalmente fica-se queimado chegando muito perto. “Nós nunca vamos lá”. Como vêem, eles são as pessoas comuns que nada encontram no mundo para se maravilhar, para eles a história inteira do mundo é uma história “só assim”. Esta paciente ficou espantada que tais pessoas pudessem existir, que lhes fosse permitido existir sem ficaram neuróticos. Mas eu me lembro de ter dito a ela: “Você não deveria se espantar, porque de certo modo você é “diferente”. Diferente de outras pessoas, está fora da ordem usual, assim tem certas experiências peculiares: por isso tem que saber mais do interior da montanha”. Outras

pessoas não sabem disso porque elas nada encontram em suas vidas que as force a saber; elas vivem num mundo de todo dia onde nada extraordinário acontece.

Naturalmente seria perigoso se alguém dissesse: Sim, eu admito que sou "diferente", mas sou um "diferente" muito divino. Este seria um grande erro, porque vivemos nessas vilas de pessoas normais. E mesmo ser um "diferente" divino não vai vem com a existência comum. Não há absolutamente razão para qualquer inflação, e é melhor isso longe das pessoas assim chamadas normais, porque de modo algum seria entendido. Agora chegamos à serie seguinte de visões:

- *Visão*: Eu estava à margem da água. Um peixe lançou-se fora da água aos meus pés. Eu o ergui, pus minha mão na sua boca e de lá retirei uma pedra preta áspera. Esfreguei a pedra contra o peito e ela se transformou em âmbar. Dentro do âmbar eu vi um rosto em sofrimento. Coloquei o âmbar contra o seu seio, por dentro da roupa e fui embora.

O que é isso? Temos que nos lembrar sempre do fim da visão anterior para ter uma pista que nos permitirá decifrar a seguinte. Ela acaba de chegar da aldeia de pessoas normais, onde o mundo é uma história "apenas isto", e agora está, provavelmente, bastante perplexa, não sabendo se eles são loucos ou se ela é louca... Esta é a situação na qual começa a nova fantasia.

Comentário: o peixe traz a ela uma pedra que se transformará outra vez em um jóia e assim ela percebe que ela própria não era uma daquelas pessoas comuns, que ela com certeza ganhou alguma coisa...

Dr. Jung: Mas que deve ter sido perdida, uma vez que o peixe a trouxe de volta. Como foi isto perdido?

Resposta: Depois que ela esteve com as pessoas comuns, por certo tempo ela perdeu sua crença naquelas experiências.

Dr. Jung: Exatamente, foi isto que aconteceu. As pessoas podem ter as mais extraordinárias experiências no curso da análise, mas quando elas saem para o mundo, esquecem-se delas. Quanto mais elas se afastam daquela montanha, menos impressiva ela parece; ela apenas fumega e a experiência é esquecida. O que eles ganharam é perdido, como o anel de POLYCRATES, que teria sido perdido no oceano se o peixe não o trouxesse de volta. Sob a influência desta gente da aldeia, a mulher perdeu sua preciosa experiência, que na realidade é um tesouro se como tal é conservada na consciência.

Assim ela se coloca, bastante desamparada, às margens das grandes águas, e o peixe traz a ela, de novo, a jóia. Mas desta vez é uma pedra preta e de forma alguma se parece com uma jóia; é semelhante a qualquer pedra, ninguém a teria percebido. Aparentemente, a cor preta vem do vulcão, e ela não nota que é uma jóia até que a esfregue no seu peito e a imbua com sua libido outra vez; mas, quando ela começa a perceber o que é, coloca-a contra o coração e a jóia

é o coração. Transforma-se numa substância preciosa, âmbar.Em que difere o âmbar da áspera pedra preta?

Resposta: É transparente, e ocasionalmente pequenas plantas e insetos podem ser vistos nele, flutuando como na água.

Dr. Jung: Sim, o âmbar é uma substância muito preservativa; as mais tenras algas e os mais delicados órgãos de insetos microscópicos podem ser conservados nele. Reminiscências de milhões de anos atrás estão maravilhosamente preservados no âmbar.

O Âmbar

E aí ela vê a face do sofrimento. O que é isto?

Resposta: A dela mesma.

Dr. Jung: Poderia ser a dela mesma, a lembrança do seu próprio sofrimento. Vamos ver. Ela diz:

- *Visão* (cont.) Então eu senti o âmbar pulsando com um forte latejar e me senti cansada e deitei no chão. Lá o âmbar pulsava como um grande coração e logo o chão e as árvores ao meu redor pulsavam também. Comecei a sentir a pulsação por toda a parte.

Este âmbar simboliza a jóia vermelha ou o coração que vimos anteriormente no gelo... Mas é um coração muito peculiar, porque está pulsando não apenas nela mesma, mas também fora, ele imbui todo o meio ao redor com sua pulsação... É como se o coração fosse uma parte da natureza: ela não pode distinguir se o coração ou a natureza inteira está pulsando. É uma espécie de fenômeno sincronístico.

Sugestão: Não é semelhante ao conceito chinês do TAO, a força vital, a energia da vida?

Dr. Jung: A realização de TAO tem essa qualidade de estar em relação sincronística com tudo mais; é como se a mesma corrente de eventos, ou a mesma corrente de vida, passasse através de tudo, e desse modo tudo tem, por assim dizer, o mesmo ritmo, o mesmo sentido.

Sugestão: Outra analogia poderia ser o que os maometanos descrevem no sufismo – uma essência transcendental, uma verdadeira sensação do coração, na qual toda a realidade exterior está refletida.

Dr. Jung: Sim, é a experiência mística geral, a coincidência da condição individual com o universo, de modo que os dois se tornam indistinguíveis. Este momento na visão é como uma realização do TAO.

O simbolismo é bem inusitado; eu nunca vira a experiência expressada nestes termos, mas é uma excelente maneira de coloca-la. Mas, devem ainda perceber, a experiência é indescritível, não pode ser definida. TAO é

incompreensível. Nem pelo maior esforço de nossas mentes podemos imaginar uma condição de completa coincidência ou harmonia entre duas coisas incomensuráveis. Nossa condição subjetiva parece o oposto exato de uma condição objetiva.

Essa incompreensibilidade de TAO está aliada ao fato de que a mente é incapaz de esconder, ou a consciência de captar qualquer coisa que não seja dessemelhante ou não tornada distinta. Somente por meios de discriminação podemos ser conscientes, ao passo que TAO deveria ser formulado como a condição das coisas antes da consciência. Assim, falar da consciência de TAO é paradoxal. TAO é um tipo de semi-consciência – quase inconsciência. Por isso TAO é o começo das coisas, a mãe de tudo, e também o efeito culminante de tudo; o começo e o fim. Mas isto é o que nós chamamos o inconsciente, onde a consciência do ego simplesmente chega a um fim. Não podemos, aqui, ir mais adiante no sentido de uma tal experiência. Podemos, entretanto, discutir como uma tal experiência psicológica está conectada com o fluxo das visões... Seria valioso saber como uma experiência central deste tipo pode ser efetuada.

Sugestão: Teria sido porque os habitantes da aldeia fizeram-na sentir-se totalmente só? Estar agora conectada com o universo poderia ser uma compensação para a sensação de solidão.

Dr. Jung: Isto é verdade. Primeiro, ela foi ameaçada com imediata destruição pelo vulcão, depois salva de um modo miraculoso... Ela tinha tido uma tremenda experiência... e o mundo em que ela chegou depreciou-a... Ela saiu

do calor para o frio, com absolutamente nada no meio, nenhuma mediação. Mas aqui ela retira algo da experiência – o âmbar. É tão pequeno que ela pode esconde-lo no peito e carrega-lo consigo, e mesmo assim, quando ela o contempla, entra no TAO. O âmbar é a condição do meio, ele simboliza TAO... Deste lado é um pedaço de âmbar, de outro é o grande mistério... Esse talismã, ou "lápis" é um emblema feito de material de senso comum compreensível... Ela pode usá-lo como uma jóia e as pessoas dirão: você tem aí uma coisa linda. E ela retrucará: Sim, embora na realidade seja uma coisa muito barata, apenas um pedaço de âmbar... Mas há algo em relação com ele, que só ela sabe, que terá um efeito mágico sobre ela. Agora, com relação ao rosto de sofrimento que apareceu no âmbar:

- *Visão*: (cont.) Senti que tinha que livrar a face de dento do âmbar, mas não podia.

De onde vem esta face?

Resposta: a feitura de uma tal pedra está sempre conectada com grande sofrimento.

Dr. Jung: Esta é, realmente, a idéia; ela não pode entrar na posse do "lápis" sem sofrer. Ele significa individuação, que só pode ser obtida através do sacrifício. A lembrança do sofrimento torna uma pedra particularmente preciosa; uma jóia que não carrega a lembrança de muito sofrimento, de muitos medos, dificilmente tem um valor, porque as coisas boas bem cedo

perdem seu brilho, enquanto a lembrança do sofrimento tem um poder muito mais forte sobre nossas mentes.

O Animus aprisionado

- *Visão*: (cont.) Muitas serpentes apareceram, olharam para o âmbar e afastaram-se. Um touro chegou e lambeu o âmbar, mas este permaneceu o mesmo. Então cortei meu peito e o sangue caiu sobre o âmbar, que desapareceu. Em seu lugar surgiu um homem amarrado com correias e atravessado por muitas flechas. Retirei as flechas tão cuidadosamente quanto podia e livrei-o de suas amarras.

Então, esta é a face do sofrimento que estava aprisionada na pedra. Anteriormente, ela derretera o gelo com o calor de seu corpo, e aqui ela segue o mesmo tipo de atuação, despejando seu sangue sobre o âmbar, o que significa um sacrifício, para libertar este homem desconhecido de dentro da pedra. Vejam, quando a pedra foi feita, um homem foi incluído nela – e lembram-se do homem e da mulher enrolados pela serpente – assim esta é a sua contraparte masculina, que estava trancada na pedra.

Comentário: É o Animus.

Dr. Jung: E obviamente o Animus positivo, porque ele aparece aqui como uma absoluta contraparte masculina. Isto também explica o grande sofrimento; o

amarramento de sua masculinidade foi que causou o sofrimento. Mas como aconteceu que seu Animus ficou acorrentado e aprisionado na pedra?

Resposta: O outro lado de sua natureza emergiu, o lado Yin.

Dr. Jung: E isso significou o encarceramento do Animus. Temos que diferenciar entre os dois aspectos do Animus: na sua forma real ele é um herói, alguma coisa divina o envolve: mas no caso desta mulher temos que lidar, usualmente, com uma forma bastante irreal do Animus, um substituto opinante, porque ela estava tomada por demônios-Animus. Através do processo de transformação que ocorreu nessas visões, entretanto, sua mente – o que ela chamava sua mente – tornou-se prisioneira da terra – do feminino, da mão, do emergente material Yin: assim, seu Animus lentamente foi suprimido. Ela não mais tinha opiniões sobre as coisas, como pensava que elas deveriam ser, mas deu à matéria uma oportunidade de falar por si mesma. Assim, coisas começaram a acontecer a ela, pensamentos vinham a ela... Uma atitude de animus irreal negativa (como tinha antes) impede uma percepção acurada de fatos psicológicos: sempre está sendo colocada uma opinião no lugar da verdadeira percepção... Mas agora ela aprendeu a experienciar as coisas objetivamente, a ver o que acontece realmente e que havia aprisionado seu Animus.

O motivo do aprisionamento do Animus tem sua contra-parte no aprisionamento da Anima, mas naturalmente isto é diferente na medida em que concerne às emoções e disposições. Quando um homem é capaz de distinguir entre a situação objetiva e a sua disposição, quando ele não mais

permite que sua disposição cegue sua mente, mas pode reconhecer que ela é característica e deixá-la de lado, este é o começo do aprisionamento da Anima. Depois de certo tempo ele será capaz de dizer à sua disposição de ânimo: Você não tem direito de existir, vou colocá-la num tubo de ensaio para analisá-la. Isto certamente importa num enorme sacrifício... engarrafar a Anima exige um esforço sobre-humano, então eu reconheço a extraordinária proeza que é para uma mulher por de lado o Animus... para análise.

Na alquimia o procedimento começa pondo-se algo num tubo de ensaio ou num caldeirão de modo similar, o Animus ou a Anima é aprisionado com o propósito de transformação. Este é o verdadeiro processo de sublimação – não há sublimação do sexo; isto é imaginário – isto é uma transformação, não do sexo, mas de formas, de experiências. Através do aprisionamento, o Animus é despojado do seu mundo e passa por uma mudança. Se alguma coisa é colocada num tubo de ensaio lacrado, as influências externas ficam excluídas; ela não é perturbada nem perturba seu meio, porque nada pode entrar nem sair do tubo de ensaio. Quando o Animus não pode sair para a atmosfera, não tem objeto. E então tem tempo de transformar-se.

Como vêem, nesta transformação é essencial afastar os objetos desses demônios do Animus ou da Anima. Eles só se interessam pelos objetos quando permitirmos a nós mesmos sermos auto-indulgentes. CONCUPISCENTIA é o termo para isso na Igreja – STO. AGOSTINHO falou sobre ela de modo particularmente forte; (em português a palavra é também concupiscência), em francês, diz-se CONVOITISE; em alemão BEGEHRLICHKEIT ou DESIRE em inglês. Neste assunto as grandes

religiões se encontram. O fogo desejoso é o elemento que deve ser combatido no bramanismo, no budismo, no tantrismo, no maniqueísmo, no cristianismo. Isto é também importante na psicologia.

Quando alguém compraz à desejosidade, quer o desejo se dirija para o céu ou para o inferno, está dando ao Animus ou à Anima um objeto; eles saem, então, para o mundo, em vez de manter-se dentro, no seu lugar. O que deveria ser uma coisa da noite aparece à luz do dia, e aquilo que deveria estar sob os nossos pés, está no topo da nossa cabeça. Mas se podemos dizer: Sim, eu desejo isso e tentarei obtê-lo, mas eu não tenho que o ter, se decido renunciar; então não há chance para o Animus ou a Anima. De outro modo estamos governados por nossos desejos, estamos possuídos. Uma mulher não pode ser possuída por um homem real, mas só por causa de uma projeção de Animus; da mesma maneira um homem pode ser possuído por uma mulher real através de uma projeção de Anima.

Assim, em resumo, trata-se da nossa própria condição subjetiva, da nossa complacência com nossos desejos. Mas se colocamos nosso Animus ou Anima em uma garrafa, estamos livres da possessão, mesmo se passamos por maus pedaços internamente, porque quando nosso demônio passa por um mau pedaço, nós também passamos... Certamente ele vai urrar nas nossas entranhas, mas logo constataremos que era adequado engarrafá-lo. Lentamente estaremos aquietados e começamos a mudar. Então descobriremos que há uma pedra crescendo na garrafa, o âmbar ou o lápis. Essa solidificação ou cristalização significa que a nossa maneira de conduzir a situação tornou-se habitual; na medida em que o autocontrole ou não-indulgência tornou-se um

hábito, é uma pedra. Quanto mais se torna um hábito, mais dura e mais forte será a pedra. Quando esta atitude torna-se um “fato consumado”, a pedra será um diamante.

Pergunta: O senhor já viu um tal diamante? Algum paciente já conseguiu este diamante?

Dr. Jung: O senhor nunca deve fazer tais perguntas. – se já vimos um salvador ou uma virgem santa. É absolutamente certo que não... mas talvez algum dia alguém possuirá um diamante. Se alguém fala dessas coisas não a possui; e quando alguém a possui, porque falar?

Agora o Animus real sai da pedra – e ele não deveria ser engarrafado. Conservar o Animus num tubo de ensaio é um expediente temporário. Tem que ser feito até estarmos a salvo, até que nada foi deixado da velha concupiscentia, ou o espírito mau tomará posse outra vez. Mas estando suficientemente livres e se a pedra foi feita, podemos tirar o lacre e deixar aparecer o novo Animus. Então poderemos ver o que ele faz, como se comporta.

Neste caso, o homem que surge está amarrado com correias e atravessado por flechas, e isto é bem compreensível, é o resultado do que ela já fez. Ela *tinha* que acorrentar o Animus para suprimir suas opinações sobre coisas e descobrir o que elas realmente eram. Ela tinha que submetê-lo para chegar a uma experiência imediata. Como vêem, o Animus é como um filme entre a realidade e a mente de uma mulher...É como uma névoa ante seus olhos... Um

esforço enorme... e uma cuidadosa auto-educação sistemática são necessários para penetrar nesta névoa. A razão pela qual o homem está atravessado por flechas bem como amarrado com correias, é que as flechas se movem com rapidez e penetram. Elas são como pensamentos, como feixes de luz ou de introvisão que atravessam o véu do Animus. Nossa paciente conseguiu, aqui, penetrar... na miragem entre ela mesma e a realidade – porque este é o verdadeiro Animus... Ele foi ferido, porque é preciso ser rude com o Animus, usar a força. Não podemos esquecer que estar possuído pelo Animus ou pela Anima era a condição original do Homem. Nós estávamos todos possuídos, éramos todos escravos, e... não sabemos até que ponto somos ainda possuídos; é provável que nossa libertação seja muito relativa.

Assim, a supressão do Animus ou da Anima é um ato de extrema violência e crueldade... E, naturalmente, o Animus fica bastante ferido no processo e posteriormente tem que ser todo recomposto. Por isso ela está retirando as flechas. Todas aquelas tentativas para submetê-lo, causaram-lhe ferimentos que devem ser curados. É como se ela agora tivesse que tornar o Animus consciente do fato de que está curado e diferente.

Depois que ela o libertou de suas amarras:

- *Visão*: (cont.) Ele fugiu de mim com grande rapidez. Até que chegou a um enorme precipício. Lá ele gritou como ÍCARO: “Eu vou voar.” Eu respondi: “E como ÍCARO, serás morto.” Lentamente e com grande pesar ele voltou para mim e ajoelhou-se ao meu lado.

O Animus tenta retomar sua antiga posição no mundo dos objetos, ele quer saltar para o espaço outra vez e enchê-lo com ilusões. Ele quer atingir o impossível, o SOL. Mas ela lhe dia: nem mais uma chance de voares por aí criando mais ilusões. Nada de opinações aqui. Então ele deita obedientemente ao lado dela... Este é um grande momento nas suas visões... é um enorme conseguimento ser capaz de dizer ao Animus: *Couche toi*... Mas e agora? Qual é a situação de uma mulher com um Animus obediente, ou de um homem que controla sua Anima?

Resposta: Têm que assumir total responsabilidade.

Dr. Jung: Exatamente, e ser forçado a assumir a responsabilidade de si mesmo é uma situação muitíssimo incômoda e aversiva. É disto que se tem medo, por isso não queremos ver as coisas. É melhor não saber o que se passa no quarto ao lado, porque assim não somos responsáveis; podemos até enganar a nós mesmos e dizer que não sabemos porque aconteceu... As pessoas dizem: “Eu não sabia o que ele ia fazer. Como poderia eu ser responsável?” Naturalmente elas poderiam saber se quisessem. Mas as coisas parecem tão mais fáceis quando não se enxerga através delas; elas correm mais ou menos suavemente, e então se acontece isto ou aquilo, sempre se pode dizer que aconteceu, por acaso. Mas quando podemos ver, torna-se ao mesmo tempo bastante claro como preparamos todo o “espetáculo”. Assim, no momento em que o Animus a obedece, esta mulher tem que assumir responsabilidade; ela tem que viver com os olhos abertos. Não sabemos quais serão as dificuldades, mas podemos

estar certos de que se ela controla seu Animus, ela entrará numa situação extremamente difícil; ela será testada...

Agora começamos uma nova série de visões.

- *Visão*: Desci muitos degraus para dentro da terra preta até que, por fim cheguei a uma catacumba onde jaziam muitos mortos.

Estamos de novo numa viagem HADES adentro. Como emergiu esta situação da anterior?

Resposta: Não está conectada com o precipício da última visão?

Dr. Jung: O precipício sugere uma descida, uma queda... As tumbas são HADES, ou o submundo, o lugar das sombras; e HERMES PSICOPOMPO, o guia das almas, está conduzindo... à morada dos mortos... Em "Ela", a Anima mora nas tumbas, cercada por múmias; o corpo do seu anterior amante grego, KALLIKRATES, mantém "Ela" na tumba. Encontra-se uma idéia similar em "Atlantide" de BENOIT: ANTINEA, a rainha, vive num lugar onde ela tem um enorme mausoléu de todos os seus amantes anteriores...

- *Visão*: (cont.) Passei por eles até que cheguei a um homem morto cuja carne era vermelha. Ele era muito bonito e pensei que fosse um índio.

Vejam, o outro Animus, o homem amarrado com correias, desapareceu e seu lugar foi ocupado por esta figura tão diferente: é como se ela retornasse ao começo de suas visões onde o Pele-Vermelha a cavalo conduziu-a às suas aventuras iniciatórias. Agora ela o descobre de novo, como uma bela figura que parece um cadáver, mas cuja carne é vermelha, o que indica que ele está vivo, embora adormecido. É interessante que ele devesse ressuscitar justamente quando ela descobre um Animus positivo. Ele a adaptaria ao solo americano, porque o índio é um Animus positivo, não ofensivo. A realização dos valores índios por um americano é uma conquista, não uma dependência. O Pele-Vermelha tem grandes qualidades, a despeito do fato de que é primitivo. Ser primitivo não é argumento contra ter valores.

Ainda mais, o americano está peculiarmente colocado entre o Ocidente e o Extremo Oriente, o que confere uma qualidade muito peculiar, especialmente ao americano ocidental. Quando mais se vai para o Ocidente, mais se encontra aquele algo indescritível, e quando se depara com um chinês ou alguma coisa chinesa lá, tem-se uma sensação de que isto se encaixa, de que "combina" de algum modo. Na Califórnia as condições de vida são tão peculiares, que se poderia esperar, no decorrer de milhares e milhares de anos, a formação de uma nova espécie de homem. Eu não me espantaria se a influência do Extremo Oriente tivesse lá um papel importante. Se não houvesse leis de imigração (1932), o extremo Ocidente da América seria mongólico. Se alguma coisa devesse acontecer para a América, se ela devesse talvez cair, certamente todo aquele lado do país tornar-se-ia mongólico. E isto ocorreria através do espírito do Extremo Oriente, que seria a mais lógica compensação para o temperamento e a mentalidade do californiano. A mentalidade americana, em geral, que se caracteriza por uma incrível extraversão, só pode ser compensada

por uma passividade telúrica, e quase apatia, da atitude mental do Oriente. O americano está realmente pedindo por isto, assim eu não me admiraria nem um pouco se isto acontecesse.

- *Visão*: (cont.) Do seu pescoço eu tirei um colar de dentes e continuei andando com ele na mão.

O que significaria isto?

Resposta: Que ela levou o mana dele, talvez.

Dr. Jung: Sim, dentes são, em geral, amuletos, uma proteção contra o mau olhado ou "perigos" da alma. Esta é outra variação do tema da jóia.

- *Visão*: (cont.) Um anão seguiu-me e tentou arrebatar de mim o colar, mas eu o segurei firmemente. Cheguei a um fogo de chama azul e segurei os dentes no fogo. Os dentes se transformaram em jóias vermelho-sangue que queimaram a minha mão.

O anão é uma figura que já encontramos inúmeras vezes. É uma forma malévola de Animus. Esta é, provavelmente, uma tentativa abortiva (anã) do Animus de tornar-se negativo e tomar dela o talismã... Vejam, quando um homem controla sua Anima, ou a mulher o seu Animus, estão fazendo algo que ninguém antes sonhou fazer; porque a humanidade sempre foi possuída. Quando alguém se atreve a libertar-se, entra numa nova ordem das coisas, e

isto significa um desafio para a ordem antiga, então nem bem se livra ele de um demônio, já os outros estão contra... tentando trazê-lo de volta ao redil da Mãe Natureza...

Se um homem faz uma modesta tentativa de controlar sua Anima, ele imediatamente será forçado para dentro de uma situação onde será tentado até o limite... e acontece o mesmo com uma mulher; todos os diabos disponíveis em milhas ao redor farão tudo para chegar até seu Animus. Outra vez é como seu um vácuo tivesse sido criado e tudo corre para preenchê-lo. Por isso, pessoas que tentam controlar essas figuras entram em novas situações que quase as forçam a voltar à condição anterior; isto atua bastante automaticamente. Então agora, essencialmente porque ela fez uma tentativa dessas, há a possibilidade de que entre numa situação-teste, em alguma coisa muito difícil para ela, demais para que ela a carregue.

Porque temos que estar cientes de que nos arriscamos a uma solidão incomum se controlamos o Animus ou a Anima. Porque cria-se uma participação mística se não os controlamos; quando alguém permite que uma parte de si mesmo ande por aí e se projete em outras pessoas, isto dá uma sensação de estar “conectado”. E a maior parte das conexões no mundo é desse tipo. A participação mística oferece esta aparência de conexão, que nunca é realmente uma conexão, um relacionamento; ela apenas dá a sensação de ser uma ovelha no rebanho. E isto é, certamente, alguma coisa; porque se alguém se desqualifica como ovelha, estará forçosamente fora do rebanho e terá que sofrer uma certa solidão. Mas então terá a chance de restabelecer uma

conexão, e desta fez ela poderá ser um relacionamento consciente que é muito mais satisfatório.

A participação mística cria uma peculiar inconsciência; de certa maneira funciona como uma mãe, sustentando alguém na inconsciência. Algumas vezes é ótimo, e algumas vezes de forma alguma, mas via de regra, as pessoas preferem porque o homem “médio” sente medo quando tem que fazer algo que ele não pode compartilhar com seu mundo; ele tem medo de estar só, de pensar alguma coisa que outras pessoas não pensam, ou de sentir alguma coisa que os outros não sentem. Tão logo alguém tenta transcender a consciência ordinária, entrará em choque com o instinto gregário do ser humano.

Por causa de alguma dificuldade como esta, um índio aparece agora, e não está completamente vivo. Ele ainda tem a potencialidade da vida, e se assumir um papel de guia, saberemos que ela desistiu de sua responsabilidade e de novo está se submetendo ao Animus. Assim, é importante ver o que ocorre em seguida. Quando ela toma o colar de dentes do pescoço do índio e continua andando, isto mostra que ela não entra aqui numa regressão, que ela não se submete ao Animus. Pelo contrário, ela tira dele o talismã.

Este colar de dentes é o poder do Animus; isto é, sua capacidade de “enfiar” os dentes numa coisa. É uma arma assustadora, mas se ela está a ponto de ser responsável por si mesma, necessitará dela para dar-lhe a agressividade e a coragem do Animus. E o que diriam do anão que tentou arrancá-lo de sua mão?

Resposta: Ele seria um dos demônios de que o Senhor falou.

Dr. Jung: Sim... o anão é sempre um poder criativo subalterno no inconsciente, que pode ser de ajuda e fazer emergir coisas do inconsciente, ou pode ser prejudicial e surrupiá-las. Então seu efeito é como uma momentânea eclipse da consciência, durante a qual o poder e a decisão de repente desaparecem. Isto acontece freqüentemente. Por exemplo, depois de grandes labutas e deliberações, decidimo-nos sobre alguma coisa e pensamos: Agora está decidido, então vem um momento de inconsciência e tudo vai embora, tão de repente como se tivesse sido roubado por um poder maligno... o anão o surrupiou.

Depois nossa paciente continua dizendo que ela chegou a um fogo com chamas azuis e que manteve os dentes sobre ele e eles se transformaram em jóias vermelho-sangue que queimavam suas mãos. Porque ela os manteve no fogo?

Resposta: Ela os está espiritualizando.

Dr. Jung: A chama azul seria adequada para tal propósito, azul é a cor geralmente usada para expressar o espírito. Mas porque deveriam os dentes ser espiritualizados?...

Sugestão: No início o índio a estava guiando, ele possuía o sentimento dela, ela não o controlava, e isso dava a ele o poder.

Dr. Jung: Exatamente isso, mas agora ele já não controla seu sentimento. Ela tem o seu poder – os dentes.

Sugestão: E este é um poder espiritual, diferente de qualquer coisa que ela tenha tido antes.

Pergunta: Mas porque os dentes se transformam em jóias vermelhas?

Dr. Jung: Isto é o que eu estou perguntando... os dentes certamente significam sentimento negativo, antes ódio ou hostilidade do que amor; enquanto a jóia vermelha – que sempre se refere ao coração – significaria amor. Assim, este é um par-oposto. Poderia ser dito que a agressividade ou hostilidade dos dentes do Animus transforma-se aqui num sentimento de amor. Mas isto não parece peculiar?

Comentário: Isto ocorre sempre, se alguém pode suportar o tempo necessário.

Dr. Jung: E muitas vezes, se não suportamos, acontece, e já significa isso! Quando uma mulher faz um ataque de Animus sobre um homem, isto significa que o Animus está diligentemente usando todos os argumentos negativos que estão ao seu alcance contra aquele homem porque ele se tornou extremamente importante para ela. Revolvam um pouco a coisa, e verão emergir o sentimento positivo, o coração... Um ataque de Animus é, geralmente, um substitutivo de um sentimento positivo... Quando uma mulher não assume a responsabilidade pelo seu sentimento, quando não cuida dele conscientemente, o Animus o consome e se torna poderoso e poderá devorá-la ou qualquer outra

vítima inocente. Mas aqui este sentimento está simbolizado por uma jóia vermelha, então aí deve haver alguma coisa mais para isto, do que poderia ser expressado por um quente coração vivo. Para o quê aponta esta jóia?

Pergunta: Trata-se de alguma coisa mais durável e valiosa do que o sentimento costumeiro?

Pergunta: É como o diamante no centro da mandala oriental?

Dr. Jung: Esta pedra preciosa tem a ver com o centro da mandala; encontra-se nela, de novo, a idéia do cristal, e desta vez acontece que é vermelho. Uma gema é uma coisa verdadeiramente imutável, poder-se-ia dizer uma coisa quase eterna, e sendo semelhante a uma estrela na sua qualidade, é o equivalente de uma estrela. Assim, refere-se ao centro da mandala, refere-se a SI-MESMO (SELF), que aqui aparece no sentimento. Naturalmente, quando o Animus está na posse disto, ele tem um poder quase místico, ele está circundado pelo tabu de algo quase divino... Se um homem primitivo transgride seu tabu, ele morrerá; ele se sente tão só e rejeitado que prefere morrer. Acontece o mesmo com o Animus ou a Anima, eles são tabus viventes, se nós os violamos, provavelmente nos encontraremos num diabo de situação cheia de transtornos; necessitamos uma força tremenda para controlar o Animus e a Anima. Isto explica porque ter a força para fazer isso é geralmente simbolizado pela posse de um precioso talismã – um feitiço apotropáico para afastar o mal que resulta da violação do tabu. Depois nossa paciente disse que as jóias queimavam sua mão. Por que isto?

Resposta: Porque há libido demais nelas.

Dr. Jung: Mas dificilmente é possível que sua libido fosse suficiente para aquecer as jóias ao gosto de queimar sua mão. O corpo não poderia produzir tanto calor

Pergunta: Não é como as pedras na cidade branca que feriram seus pés?

Dr. Jung: Justamente. Na cidade branca havia tanto resplendor que ela não podia suportá-lo e agora ela está numa situação semelhante. Estas jóias vermelhas não são tão insuportavelmente brilhantes como a cidade branca, mas são tão não naturalmente quentes que são quase mais do que ela pode lidar... Agora, porque são elas tão quentes? E porque era a cidade tão resplandecente?

Resposta: Porque um ser humano não pode suportá-lo.

Dr. Jung: Exatamente. Isto não é em si mesmo humano, e assim seres humanos não podem suportá-lo. Isto explica o tabu; tais tabus existem porque existem em nós coisas que simplesmente não agüentamos, elas são demais. Eu conheço pessoas que simplesmente não podem ver certas coisas, porque são incapazes de suportá-las... e elas não devem vê-las. Há coisas que não precisam acontecer... Se temos resistências insuperáveis, não devemos tentar superá-las; poderíamos violar um tabu e não ser capazes de suportar a realização. Fiquemos com as coisas exeqüíveis. Esta mulher não se forçou a permanecer na cidade branca. Era melhor para ela voltar, e depois mais tarde,

ser conduzida a um outro teste. Aqui temos o teste das jóias vermelhas. Se ela puder suportá-lo, saberemos que ela pode quebrar o tabu do Animus. Ela estará em condição de segurar sua própria jóia. Até aqui o Animus tem tido que carrega-la, ela não podia suportar a dor da queimadura.

Comentário: É difícil saber quando continuar e quando recuar.

Dr. Jung: Não, isso de modo algum é difícil. Eu lhe digo: quando chegamos a algum lugar próximo deste calor e não podemos toca-lo, simplesmente viramos as costas, instintivamente. Quando nos deparamos com a coisa inacessível, sabemos disso... Naturalmente, as pessoas muitas vezes são tão venturosamente inconscientes, que julgam nunca ter encontrado uma tal coisa, mas isto é apenas a névoa do Animus. Se elas abrissem um pouquinho os olhos, saberiam que haviam encontrado o tabu vivente – quer sob a forma de uma introvisão ou compreensão que teria sido possível, ou como um sentimento, uma emoção, uma experiência que era intocável.

Comentário: Suponho que a paciente não percebeu que estava diante de um teste, nesse caso. Mas se ela o tivesse percebido, teria ela que voltar ao inconsciente para colher mais força para enfrentá-lo?

Dr. Jung: eu não sei qual era a sua situação consciente... Mas se ela tivesse percebido que isto era um teste, ela certamente teria feito o melhor que pudesse para agüentá-lo... Se alguém está agarrado à própria vida, se empenhará mais do que se estiver apenas segurando seu guarda-chuva; se estamos pendurados à beira do telhado de um edifício de seis andares,

encontraremos força adicional para agüentar. Assim, muitas vezes é uma questão das pessoas perceberem sua situação ou não; se elas percebem a importância, colocarão todas as suas reservas de força nela. Como podem ver, a percepção consciente da situação é o seu único recurso...

Comentário: Parece que a sua consciência progrediu.

Dr. Jung: Decididamente. Mesmo que ela não saiba conscientemente o que está acontecendo nesta visão, a visão mostra que ela adquiriu mais força, mais consciência como pessoa, porque agora ela leva a coisa adiante. Ela pode apoiar-se na pedra. Como percebem, estas coisas são muito sutis, mas da maior importância prática. Elas simbolizam as decisões fundamentais que ocorrem dentro dos seres humanos – e estas são as decisões importantes.